

BOLETIM 11 CARACTERIZAÇÃO DAS FLORES DE GUABIROBEIRA (*Campomanesia xanthocarpa*)

Américo Wagner Júnior¹, Karina Guollo², Viviane da Rosa³, Igor Alfonzo Garay³, Maiara Bueno Ferreira³, Matheus Araújo Moreira Rocha³

O Brasil se destaca mundialmente por apresentar maior diversidade genética vegetal, sendo considerado um dos principais centros de espécies vegetais, nos quais englobam as fruteiras nativas. Os frutos produzidos por estas espécies além de serem agradáveis ao paladar, são caracterizados como alimentos funcionais pela composição que apresentam em suas cascas ou polpas, tornando-as passíveis de uso pelas indústrias alimentícias, de cosméticos e farmacológicas.

Diante disso, as fruteiras nativas passaram a serem consideradas como potenciais para uso em pomares, principalmente se ligadas as propriedades que desempenham, tendo papel importante no funcionamento do organismo humano, por serem fornecedoras de fibras, vitaminas, substâncias antioxidantes e anti-inflamatórias. Assim, o consumo de frutas *in natura* tem aumentado gradativamente, de acordo com a condição econômica familiar, surgindo a oportunidade para que as fruteiras nativas possam ser exploradas comercialmente, visando não somente o comércio local.

Dentre outras vantagens existentes em comparação as frutas exóticas em cultivo, têm-se que as fruteiras nativas apresentam plasticidade em adaptação às condições edafoclimáticas do território nacional, podendo sobreviver na natureza em diversas situações, muitas das quais consideradas limitantes para muitas culturas, fazendo com que o quadro de sua domesticação seja otimista. Diversas são as opções de fruteiras com potencial para atingir novos mercados, oferecendo volume e regularidade para produção.

No Sul do Brasil, destacam-se algumas espécies da família Myrtaceae, dentre as quais, inclui-se a guabirobeira (*Campomanesia xanthocarpa*). É uma espécie de ocorrência em floresta estacional e/ou floresta ombrófila mista, com ocorrência dos Estados do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, havendo relatos na literatura de sua presença no Paraguai e no nordeste da Argentina.

A guabirobeira pode atingir, quando mantida livre, 10 a 20 m de altura e até 60 cm de diâmetro (Figura 1); com presença de ramos jovens glabros. Os frutos são de formato redondo e de cor amarelada ou alaranjada quando maduros (Figura 2), sendo neste estágio de sabor adocicados, o que permite ser usado como alimento *in natura* ou na preparação de doces, sorvetes e licores caseiros. As flores são indicadas como melíferas.

¹DSc. Professor. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Dois Vizinhos. E-mail: americowagner@utfpr.edu.br. Bolsista de Produtividade CNPq.

²Doutorando em Agronomia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Pato Branco. E-mail: albertostefeni@yahoo.com.br. Bolsista CAPES.

³ Mestranda em Agronomia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Pato Branco. E-mail: larissacorradi@gmail.com; adrianadallago@hotmail.com. Bolsista CAPES.



Figura 1 – Guabirobeiras de 12 anos cultivadas na coleção de fruteiras nativas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Dois Vizinhos.



Figura 2 – Guabirobas de diferentes tonalidades do amarelo ao alaranjado.

Pelas características que essa fruteira apresenta indica seu uso em pomar comercial, paisagismo, reflorestamento para recuperação ambiental, em agroflorestas ou até como quebra-vento.

Contudo, apesar de toda potencialidade é raro seu cultivo comercial e nem sempre é possível encontrar disponível na rede de mercados, feiras ou segmentos parecidos, produtos alimentícios oriundos dessa fruta.

Dentre os fatores limitantes é a falta de cultivares comerciais disponíveis, conhecimento sobre as técnicas de manejo que devem ser adotadas em pomar, envolvendo desde os aspectos da nutrição da planta, seu crescimento e desenvolvimento, no controle de pragas e doenças e no manejo pós-colheita da fruta.

Estudos iniciais básicos como de biologia floral e reprodutiva, primordiais para os programas de melhoramento genético da espécie ainda são escassos. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi caracterizar flores de guabirobeira quanto a sua morfologia e morfometria.

O estudo foi realizado no Laboratório de Fisiologia Vegetal, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Dois Vizinhos. A caracterização morfológica das flores foi realizada com auxílio da chave de identificação botânica e a caracterização morfométrica com auxílio de paquímetro digital, utilizando-se 50 flores em estágio de pós-antese (Figura 3).



Figura 3 - Flores de guabirobeira em estágio de pós-antese

De acordo com a caracterização, as flores de guabirobeira são monoclinas, ou seja, com presença de androceu e gineceu. Elas apresentam cinco a sete pétalas dialipétalas, isto é, com corola constituída por pétalas inteiramente livres, não ligadas entre si.

A simetria das flores é actinomorfa, que consiste em número de estames que varia de 90 a 137, sendo estes dialistêmones e heterodínamos.

A soldadura das anteras é do tipo livre, com estilete exerto. O gineceu é do tipo gamocarpelar com placentação axial, ovário do tipo ínfero, pluricarpelar e plurilocular, contendo dois óvulos por lóculo. O comprimento médio das pétalas e sépalas foram de 0,86 e 0,42 cm, variando de 0,7 a 1,1 e 0,3 e 0,5 cm respectivamente,

Esse é um dos trabalhos básicos com frutas nativas realizados pelo grupo de pesquisa Myrtaceae da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Dois Vizinhos. Há muito que se faz para domesticação desta espécie, com de outras. A geração de informações é primordial para subsidiar pesquisas e promover as frutas brasileiras, pois a falta de conhecimento é o que desestimula a implantação de novos cultivos e a pouca oferta no mercado.

Bibliografia consultada

DANNER, M. A., CITADIN, I., SASSO, S. A. Z., AMBROSIO R., WAGNER JÚNIOR, A. Armazenamento a vácuo prolonga a viabilidade de sementes de jaboticabeira. Revista Brasileira de Fruticultura, Jaboticabal, v. 33, n.1, p. 246-252, 2011.

FRANZON, R.C. Propagação vegetativa e modo de reprodução da pitangueira (*Eugenia uniflora* L.). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas. 2008. 100 p.

HEINZMANN, B.M.; BARROS, F.M.C. Potencial das Plantas Nativas Brasileiras para o desenvolvimento de Fitomedicamentos tendo como exemplo *Lippia alba* (Mill.) N.E. Brown (Verbenaceae). Saúde, Santa Maria, pp. 43-48. 2007.

LEGRAND, C.D. Representantes neotropicales del género *Myrceugenia*. Instituto de Botánica Darwinion. v. 11, n. 2, p. 293-365,1957.

MATTOS, J.L.R. Frutíferas nativas do Brasil. São Paulo: Nobel, 1983. 92p.

SÃO JOSÉ, A. R., PIRES, M. M., SILVA, M. D. V., MORAES, M. O. B. Fruteiras tropicais não tradicionais. In: XXII Congresso brasileiro de fruticultura. Bento Gonçalves – RS, 2012.